NUMERO 58. QUINTA FEIRA 14 DE JANEIRO DE 1830.

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
"HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA"

O AMIGO DO HOMEM, E DA PATRIA.

Malheur à l'homme qui rapporte tout à lui, qui ne voit que lui dans la Nature.

Subscreve-se a 5$ reis por semestre, pago no principio delle: huma Folha que sahirá ás Terças, Quintas, e Sabbados, em Porto Alegre na Typographia; no Rio Pardo em Casa do Sr. José Antonio Soares; e no Rio Grande em Casa do Sr. Francisco Manoel dos Passos. Folhas avulças na mesma Typographia a 80 reis cada huma.

INTERIOR.

LIBERDADE DE IMPRENSA.

(*Continuação do N.* 55.)

O ERRO commum dos que combatem a Liberdade de Imprensa, diz a *Aurora* N. 249: "He compararem sempre esta a huma arma offensiva, de que facilmente se abusa, e que he preciso tirar a quem a traz, para que não vá ferir com ella. A Imprensa livre não he arma offensiva, he o exercicio natural das nossas faculdades por meio de hum instrumento, similhante (digamo-lo assim) á nossa lingoa, e aonde a differença he só de sermos ouvidos por hum maiór numero de pessoas, e subsistir a prova do delicto, quando possa-mos commette-lo; isto he, que ha neste caso na publicidade hum correctivo para o mal, que podessem causar as nossas palavras, e na permanencia do documento, huma garantia para a sociedade, de que o crime não evitará o castigo, que lhe he devido. Assim não convém perguntar, *por que razão a Policia não deixa a hum Cidadão assassinar primeiro a outro, e depois então prende-lo?* porém sim se he justo arrancar a cada homem a lingoa, para que della não abuse, calumniando, ou ultrajando; e cortar-lhe as mãos para que com ellas não assassine. O uso da Imprensa he em si tão innocente, como o uso das mãos, dos pés, da lingoa, &c.: o crime todo está no abuso, e esse não póde existir, se não depois de perpetrado o acto, isto he, depois da publicação do impresso."

A calumnia espalhada no publico occultamente, passando de bocca, em bocca na confiança da amisade, certamente faz muito mais impressão do que quando he publicada pela imprensa: primeiro, por que sendo communicada ordinariamente por pessoa a nós chegada, maiór fé lhe prestamos, e mais facilmente acreditamos; do que quando nos vem apresentada por pessoa desconhecida, como as mais das vezes acontece quando se imprime a calumnia, segundo por que, mais difficil de se destruir; o calumniado não póde fallar a todos, não póde a todos apresentar testemunhas, não póde confundir os seus inimigos que não conhece, he obrigado a soffrer, perder a sua honra, o seu credito sem ter mejo de deffender-se. Pelo contrario quando a calumnia he publica, e a Imprensa livre, os meios de deffesa do homem honrado são apresentados de huma vez ao publico, obrão sobre todos, e no mesmo tempo, o nego-

cio he esclarecido, e tudo acaba. E por outra parte o calumniado tem a Lei que o assiste, o criminoso he conhecido, he ao seu alcance; o que não accontece quando a calumnia he occulta: a espada da Justiça fica suspensa por não saber a quem ha de ferir. Cahia com toda a força esta espada sagrada sobre a cabeça daquelle que ousar calumniar, ou que se arrogar hum direito sobre a reputação privada de hum Cidadão. Nada de mais baixo, de mais vil, de mais criminoso que mereça mais todo o peso do publico opprobrio, do que aquelle que prostitue a sua penna com satyras indecentes, vituperios insultantes, expressões vergonhosas, que alguns tendo pejo de proferir em companhias polidas, tem a impudencia de imprimir.

As sociedades se não enganão, embora se usem todos os artificios para encobrir a mentira; a massa dos Cidadãos aprecía sómente a verdade, despreza completamente os libellos qualquer que seja o titulo que se lhe queira dar, qualquer que seja o motivo com que se procure co-honesta-los. Outra razão para desejar que as Calumnias, quando se não possão evitar sejão publicas, e não tenebrosas. A licença á cerca da Liberdade de Imprensa, não negaremos que se tenha introduzido no Brasil, mas isto não he o que se deve temer. Huma Nação ha tanto tempo escrava, logo que sentio em si a faculdade de exercer os seus direitos, quiz fazer ensaio d'elles, quiz exercelos todos, e em toda a sua plenitude, e dalli até o excesso não tem se não hum passo; mas logo que a publica opinião seja mais firme, e mais socegada pelo longo exercicio, então certamente diminuirá, e mesmo totalmente cessará este modo de se attacar com acrimonia que se observa na Imprensa Brasileira. Os mesmos individuos, tornar-se-hão menos sensiveis ao minimo sarcasmo, á minima desapprovação, recorrerão á Lei para repellir os attaques odiosos, ao despreso para repellir os malignos, e tudo que se não ligar aos interesses sociaes irá perder-se na publica indifferença, tanto maiór, quanto mais peculiares, e pessoaes forem os attaques.

Parece que o Governo do Brasil tenha reconhecido esta acrimonia, que não teremos difficuldade de chamar licença, se quizerem, e a falla do Throno de abertura da proxima passada Sessão inculcou-o bellamente. Mas se havemos de fallar claramente parece nos que os Srs. Ministros mangárão completamente com nosco nesta occasião, se porém não foi huma espertesa. E com effeito não sabemos como se possa casar este desejo de reforma, esta queixa contra os abusos da Imprensa livre, com o feio exemplo que apresentou a Gente do Ministerio, illudindo a Lei por meio das assignaturas do preso da Cadêa, no tempo da Gazeta de João Maria, com o apoio, commodidade, e cooperação que todas as folhas mais sujas, e descaradas tem nas Typographias do Governo.

(Os Redactores.)

(Observador Constitucional.)

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor.

Como tivesse lido em o *Constitucional* N. 128, huma Correspondencia mui divertida, que me fez rir ás bandeiras despregadas, com o titulo de Cosmeada, não quiz deixar em silencio hum fraseado do mesmo Sr. Cosme, expendido na presente Attestação, que por acaso existe em meu podêr, e fielmente a dou á luz, fazendo-me Vm. o favor inseri-la na sua Folha, para servir de Publia-fórma, caso se perca o original indisforme.

Hum Leitor da Cosmeada.

"Attestação. — Eu abaixo assignado, Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, que houve de exercer o cargo de Commandante do Corpo Civil das Ordenanças da Villa, e Repartição do Rio Grande, com pouca differença de mais ou menos de 3 annos, e no fim deste tempo fui substituido pelo actual Capitão Mór Antonio José Affonso Guimarães, a quem foi S. M. o Imperador Servido agraciado no dito Posto: em preterito tempo se

offereceo a declaração da Guerra a Nação Hespanhoes Argentinos, e seguirão os Corpos de 1.a, e 2.a Linha para a Campanha, e nesta mediação ficarão fazendo o serviço militar as sobreditas Ordenanças, Luiz Pereira Leal, Capitão da Provincia de S. Paulo, e domiciliario nas Sercanias desta Villa em concurrencia com os mais Officiaes pela nomeação da escala com sollicitude prestou-se ao serviço, e por este sentimento de lealdade, e patriotismo, parece haver dado frisantes provas de adherencia á Sagrada Causa do Brasil: e por esta me ser pedida a qual conste onde lhe convenha em firmesa do expendido acima a fiz passar, e assignei.

Villa de S. Pedro do Rio Grande do Sul 6 de Setembro de 1829. — *Nicoláo Cosme dos Reis*, Sargento Mór do Terço das Ordenanças.

P. S. Muito a proposito me lembra de huma informação que dêu o Sr. Cosme de certo Official que pedia isenção do serviço das Ordenanças, em que dizia em certo ponto.... *em huma palavra Exm. Sr., o Official Supplicante he amphibio, por que, ora está em S. Francisco de Paulo, ora em Bagé, ora nesta Villa.*

ANECDOCTA.

Asclepíades, insigne philosopho Grego, era summamente amigo de Menedemo, e de tal sorte, que erão comparados á Pilades, e Orestes. Aquelles dous amigos estudavão juntos; mas vivião em summa pobresa, e não tinhão de que se sustentarem: porém tanto amavão a philosophia, que trabalhavão de noute, e estudavão de dia. O tribunal do Areopágo, que ignorava a existencia laboriosa dos philosophos, os mandou chamar, e lhes disse: *Vós estaes gordos, e andaes estudando, sem ter de que subsistirdes; dizei-nos por tanto de onde vos vem dinheiro, e de que vivêis.* Então se descobrio que elles hião de noute amaçar barro, e fazer alguns serviços nas obras de hum pedreiro, e tambem trabalhar em hum moinho, e nisso ganhavão de que se sustentarem, para se applicarem aos estudos. Tal era a *policia* dos Gregos, e a vigilancia do seu Tribunal!!....

Reflexões.

O santo Tribunal do Areopágo estendia a sua policia, não só ás cousas maiores, como até sobre as acções, e modo de subsistir dos Cidadãos, vigiando a conducta dos particulares, e da mocidade, a fim de que não houvessem *vadios, e prevaricadores*; em as Nações modernas hoje não accontece o mesmo. Na Europa, e entre todos os Póvos, que a immitão, não se cuida, se não em *luxo, jogo*, e *vadiação*, e estas cousas são indifferentes á *policia*. Vagão por todas as praças, e lugares, enxames de homens *ociósos*, de *bebados*, de *depravados*, e de *corrompidos*; montões de *peraltas jogadores*, que perdem grandes sommas, sem se conhecer de onde lhes vem; *casquilhos*, que trajão *ricamente*, sem terem officio, nem beneficio, e que só prestão, para propagarem *vicios*, e *torpezas*, attacar as familias, e *corromper* os costumes dos seus Concidadãos, e tudo isto bate nos olhos das chamadas *policias*, sem ellas se alterarem, e até passa por mui certo que as casas de jogos *amorósos* de França, assim como as de outros jogos, tirão do tribunal, ou intendencia da *policia*, huma licença publica, e *escandalosa*, pela qual dão cem, ou duzentos mil reis, para terem essas casas abertas, enganando, e, para que assim o diga, *roubando* os desacautelados lavradores, caixeiros, estudantes, e a quantos são tentados a lá entrarem. Alli se perde o dote da mulher, o pão dos filhos, o remedio dos orfãos, e viuvas, o supprimento das fazendas do campo, o soldo dos militares, e se commettem mil desordens, e crimes, e o peior he ser tudo isto auctorisado pelas mesmas *auctoridades*, ou corpos chamados — Policia. — Isto certamente não causa admiração nos *infames governos absolutos*; pois nestes de proposito se fomenta a *ociosidade*, a *ignorancia*, e todo o genero de *corrupção* dos costumes, por serem estas as bases daquelle *governo* anti-social; mas o que faz pasmar, he ver que nos governos Constitucionaes se tollerem tambem similhantes desor-

dens. Parece que se póde dizer que nestes ultimos governos ha huma certa maquinação, indirecta, e occulta, de *despotismo*, para destruir o Systema Constitucional; pois este não prevalece, se não sobre o alicerce da Sabedoria, bons costumes, e virtudes. Note-se o escrupulo, com que entre os Gregos se chamavão á exame dous estudantes, que frequentavão as aulas, sem terem subsistencia conhecida, e entre as Nações de hoje a *policia* não cuida na correcção dos costumes, antes *corrompe-os*; nem attende ao modo de subsistir, nem corrige *vadios*, e *ociósos*, antes parece que os encaminha, e apoia, e fomenta *descaradamente*, concedendo licenças, para se abrirem casas de jogos publicas, que arruinão os pais de familias, os caixeiros, a mocidade, os lavradores, e os soldados, e até os escravos nos paizes, em que os ha, entre tanto que a mesma *policia*, fomentadora dos *vicios*, he só activa em espalhar intrigas dentro das familias, e da sociedade. Deste modo póde dizer-se que a *policia* de hoje só serve, para aterrar os Patriotas, vigiando á bem do *despotismo*; só serve, para fomentar os *ladrões*, e repartir com elles as *rapinas*, como em Portugal, e Hespanha, e tomar interesse nas casas dos jogos, e desfructar as *tabernas*, e fazer perturbações, e nos lugares, aonde ha escravos, a *policia* de mais á mais tem hum officio particular, que he *espancar* os cativos alheios á torto, e á direito em prejuizo das familias, e multiplicar por isso as desordens, e prejuizos do pobre trahido Pôvo. Se nos lembrarmos do que vai entre nós, diremos que não se atina facilmente com os motivos, por que vivem muitos individuos, que nada ganhão, e gastão quatrocentos, seiscentos, ou mais centos de mil reis, vestem *sedas*, andão de *sege*, ou *cavallo* de estribaria, &c., e até espanta a todos ver o despreso, que a *policia* mostra em todas estas cousas, como se taes homens fossem seus *espiões*, que lhe ganhão dinheiro *occultamente*. Que fenomeno maravilhoso he ver hum homem, que ganha dez, gastar vinte, trinta, ou quarenta, e ainda comprar escravos, casas, chácaras, e ricas mobilias, fóra o que joga, e possue em joias!!!.... Parece que póde inferir-se que estas desordens annuncíão outras desordens, que o futuro esconde. Que montão de infelicidades para huma Nação moderna!.... Por tanto he de concluir que a *policia*, pelo modo do seu trabalho, he superflua, e mesmo perniciosa, e que merece ser reformada de todo, como já o estaria, se não estivesse pisada aos pés a nossa Constituição, cuja verdadeira, e sólida policia he a de Juizes de Paz.... E que diremos da *policia*, unida á hum corpo de tropas de pé, e de cavallo, dentro de qualquer cidade socegada, *policia* armada de *espadas*, *polvora*, e *balla???*.... Talvez se possa elevar o mal, que ella faz, dez vezes á cima do que temos reflectido, e que este systema precisa ainda de maiór reforma; pois he pernicioso em grão superlativo. Que dirião os Gregos, se resuscitassem?.... Elles nos bradarião: *Póvos modernes, a falta de boa policia leva as Nações á sua ruina!*.... Se os Romanos revivessem, exclamarião: *Oh loucas Nações modernas, huma policia, como a vossa, dissolveo o nosso grande Imperio, e talvez a vossa policia militar ha de derrotar mais de pressa o vosso! Olhai para as nossas ruinas, e tremei, se he que não pretendeis na realidade arruinar completamente as Nações, que vos pagão, e sustentão taes viboras em seu proprio seio!!!....*

(*Da Luz Brasileira.*)

ANNUNCIOS.

Com este N. se distribue pelos Srs. Assignantes huma Correspondencia assignada pelo Sr. — *Paulo Joaquim de Souza Mello.*

No nosso N. seguinte sahiráõ alguns Annuncios, tanto dos Srs. Assignantes como particulares, que pelo pouco espaço nesta Folha se retardarão.

PORTO ALEGRE 1830. NA TYPOGRAPHIA DE SILVEIRA, E DUBREUIL
RUA DA PRAIA NUMERO 62.